

Editorial

A autorregulação da aprendizagem: formação de docentes e discentes no contexto educacional

Jussara Cristina Barboza Tortella¹  0000-0002-6545-8448

Pedro Rosário²  0000-0002-3221-1916

Soely Aparecida Jorge Polydoro³  0000-0003-4823-3228

A seção temática “A autorregulação da aprendizagem: formação de docentes e discentes no contexto educacional” tem por objetivo disseminar e tematizar o aporte teórico e as pesquisas que abordam o assunto, relevante tanto para a comunidade científica como para os profissionais que atuam diretamente na escola.

Sucesso e permanência escolar: expressões presentes nos ideários educacionais, nas políticas públicas, no cotidiano da escola e no desenvolvimento profissional dos educadores. Mas o que significa sucesso escolar? Para alguns, a melhoria dos índices nas avaliações externas; para outros, passar de ano. Sucesso escolar é entendido por nós como o processo que permite aos alunos a apropriação e ampliação de aprendizagens de conteúdos que propiciem experiências exitosas ao longo da vida. Para Rosário, Núñez e González-Pienda (2007), os saberes transversais ao aprender, ou seja, a aprendizagem e o ensino de estratégias de aprendizagem, têm forte relação com o sucesso escolar.

A autorregulação da aprendizagem é definida como um processo ativo em que os sujeitos estabelecem os objetivos que orientam suas aprendizagens, no sentido de monitorizar, regular e controlar cognições, comportamentos e motivações, a fim de alcançar aqueles objetivos. Esse processo se dá a partir de um movimento cíclico e dinâmico na busca da aquisição de conhecimentos, envolvendo não apenas os aspectos cognitivos, mas também os motivacionais e afetivos (Zimmerman, 2008; Zimmerman; Schunk 2011).

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação. R. Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/ Correspondence to: J.C.B. TORTELLA. E-mail: <jussaratortella@puc-campinas.edu.br>

² Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Departamento de Psicologia Aplicada. Braga, Portugal.

³ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia Educacional. Campinas, SP, Brasil.

Como citar este artigo/How to cite this article

Tortella, J.C.B.; Rosário, P.; Polydoro, S.A.J. A autorregulação da aprendizagem: formação de docentes e discentes no contexto educacional. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v.23, n.3, p.329-336, 2018. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0870v23n3a4326>



Para Lourenço e Paiva (2016, p.34), a autorregulação, como um conceito “guarda-chuva”, acolhe um conjunto de fatores que permitem ou não o sucesso educativo, “da responsabilidade e motivação dos intervenientes, das características e composição do grupo-turma, do clima da escola, da personalidade e ação pedagógica dos professores envolvidos, do currículo e práticas escolares, da própria natureza da vida escolar, do apoio familiar”. Alia-se a esses fatores a formação inicial e continuada dos professores.

E qual seria um espaço ideal para o desenvolvimento da autorregulação? A escola pode se tornar um espaço ideal para tal tarefa, ao propor o ensino e o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, desde que atenda a alguns critérios, dentre eles, um espaço no qual os seus membros – alunos, professores e especialistas –, possam ter boas oportunidades de escolha e controle de suas ações. Nessa proposição, o ensino de estratégias, de forma transversal, faz parte do currículo da escola; é ensinado e vivido intencionalmente pelos profissionais e alunos.

Para aprender algo, o sujeito necessita planejar uma sequência intencional de atividades para atingir seu objetivo. Esse movimento é denominado por Pozo (1996) de um conjunto de estratégias de aprendizagem, classificadas em três tipos: estratégias de ensino, de elaboração e de organização. Maciel, Souza e Dantas (2015, p.15), apoiadas em pesquisadoras da área, afirmam que os autores utilizam mais comumente a seguinte classificação:

- as estratégias cognitivas dizem respeito a comportamentos e pensamentos que propiciem um armazenamento mais eficaz da informação, ou ainda, atividades direcionadas ao progresso cognitivo (exemplo: ensaio, elaboração, e organização);
- as estratégias metacognitivas constituem procedimentos que o indivíduo usa para planejar, monitorar e regular seu próprio pensamento, e avaliar se o uso das estratégias cognitivas está produzindo os resultados esperados (exemplo: relacionar ideias de diferentes disciplinas).

É importante salientar que as estratégias de aprendizagem necessitam ser construídas pelos sujeitos e não podem ser compreendidas apenas como técnicas de estudo. Elas constituem estratégias que podem ser utilizadas em qualquer contexto da vida.

As mudanças nas políticas educacionais, na organização do currículo, no perfil da escola e dos estudantes da realidade brasileira e portuguesa e a busca de ações que gerem melhorias no campo educacional justificam a necessidade de novos estudos no campo das aprendizagens. É nesse sentido que se deu a organização dessa seção temática.

Os seis textos apresentados convidam o leitor a refletir sobre os processos intervenientes da construção de estratégias de autorregulação de aprendizagem e, também, sobre as diferentes possibilidades de planejar, executar e avaliar intervenções oportunas no campo da formação inicial e continuada de docentes e, de forma específica, com alunos do Ensino Fundamental. É interessante notar que os autores, além de apresentarem o foco específico da pesquisa, destacam a importância de a atuação do docente e os procedimentos dos alunos estarem sempre interligados.

Os dois primeiros artigos tratam da formação inicial e continuada dos professores. O primeiro “Promovendo a autorregulação da aprendizagem em sala de aula: considerações sobre modelos de intervenção e a formação de professores”, destaca que existem muitos procedimentos que podem ser usados junto aos professores e aos alunos para fomentar estratégias que favorecerão o processo de

ensino-aprendizagem. O intuito desse artigo foi descrever modelos de intervenção em autorregulação da aprendizagem e as possibilidades de ação do professor. As autoras chamam a atenção para a necessidade da potencialização de novos conhecimentos e a utilização de intervenções que promovam a autorregulação e a tomada de consciência dos docentes sobre como se dá seu próprio aprendizado, para que, de posse desses conhecimentos, consigam utilizar procedimentos de ativação dos processos autorregulatórios com seus alunos, em sala de aula.

O segundo artigo, intitulado “Estimulação da recordação e autorregulação da aprendizagem no estágio docente”, tem por finalidade evidenciar processos de autorregulação da aprendizagem utilizados por estagiários de Educação Física, a partir da utilização da técnica de estimulação da recordação. As autoras convidam os leitores à reflexão de que conhecer a relevância do planejamento das aulas, bem como reconhecer a importância da estratégia da procura de ajuda e da autoavaliação, são atitudes que podem favorecer o desenvolvimento de intervenções eficazes na promoção de comportamentos autorregulatórios. Destacam, ainda, que uma maior compreensão sobre os processos adotados tanto pelos futuros professores como pelos alunos conduz a uma mudança sustentada dos comportamentos.

“Autorregulação da aprendizagem e compreensão leitora no Ensino Fundamental”, o terceiro artigo, amplia as discussões dos dois artigos anteriores sobre o ensino de estratégias de aprendizagem, tendo como foco principal a apresentação de um produto educacional que fora organizado com o objetivo de promover a melhoria da compreensão leitora de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. As autoras chamam a atenção para a complexa fase de transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e afirmam que o material didático proposto teve como ponto de partida as demandas da sala de aula, a partir do marco teórico sociocognitivo. O leitor é convidado a refletir sobre a elaboração e o uso de ferramentas educacionais construídas especificamente para o desenvolvimento dos processos autorregulatórios dos estudantes e para o alargamento do seu repertório de estratégias de aprendizagem.

Os três últimos artigos tratam, de forma específica, da atuação docente em sala de aula e das percepções dos alunos frente a atividades autorregulatórias. O título do quarto artigo, “Tarefa para casa: sim ou não? Uma perspectiva autorregulatória da aprendizagem”, já instiga o leitor a se remeter às experiências vivenciadas na trajetória acadêmica e profissional. O texto traz os prós e os contras da Tarefa Para Casa (TPC), no Brasil mais conhecido como “lição de casa”, a partir dos dados de pesquisas que verificam a existência de possíveis mudanças e benefícios para os alunos. Os autores concluem que, quando os dados das pesquisas apontam argumentos contra a TPC, é possível concluir que não é ela em si que é negativa, mas sim a sua utilização inadequada. Apresentam argumentos favoráveis à utilização da TPC e apontam o papel do docente nesse processo.

O quinto artigo – “Ansiedade reportada frente à produção textual: correlações com variáveis motivacionais” –, apresenta o campo de estudos sobre os processos envolvidos na escrita, com destaque para o fato de que os escritores competentes fazem uso adequado de uma variedade de estratégias autorregulatórias. Além da utilização das estratégias, outros fatores podem impactar na escrita, tais como a combinação entre instruções adequadas, o planejamento de estratégias autorregulatórias, a ansiedade e os processos de ação e, em particular, os processos de controle metacognitivo. O artigo contribui com essa discussão, trazendo resultados interessantes sobre as mudanças nas variáveis ansiedade face à produção escrita, autoeficácia e autorregulação da aprendizagem, e as relações entre

a ansiedade reportada frente à produção textual e as variáveis, tomadas com alunos portugueses do 4º ano do Ensino Fundamental.

“Formação de professores e profissionais de saúde para a promoção da autorregulação em saúde na infância”, título do último artigo, apresenta a temática da autorregulação da aprendizagem no contexto da promoção do autocuidado em saúde. Os autores compartilham dados de uma pesquisa que contou com a participação de profissionais da saúde, professores e seus alunos. Realizaram a formação para os professores e profissionais da saúde a partir do constructo da autorregulação da aprendizagem, promovendo a discussão dos processos e estratégias de aprendizagem, aspectos emocionais e comportamentais que envolvem questões de saúde e estilos de vida. Para a intervenção com os alunos, utilizaram o livro paradidático intitulado “O monte das árvores carecas e outras histórias”, que tem por objetivo o ensino de estratégias de aprendizagem. Para os autores, a experiência de formação e intervenção em autorregulação em saúde reforçou a importância da atuação multidisciplinar das diferentes profissões da saúde e da educação e contribuiu para a viabilização de uma política pública implementada no cenário nacional brasileiro.

É nosso desejo que as publicações aqui apresentadas estabeleçam um diálogo profícuo com os leitores, e quiçá possam mobilizar parcerias de pesquisa e implementação de novos projetos nas escolas.

Referências

- Lourenço, A.A.; Paiva, M.O.A. Autorregulação da aprendizagem: uma perspectiva holística. *Ciências e Cognição*, v.21, n.1, p.33-51, 2016.
- Maciel, A.C.M.; Souza, L.F.N.I.; Dantas, M.A. Estratégias de estudo e aprendizagem utilizadas pelos alunos do Ensino Médio. *Psicologia: Ensino e Formação*, v.6, n.1, p.14-32, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2018.
- Pozo, J.I. Estratégias de aprendizagem. In: Coll, C.; Palacios, J. Marchesi, A. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996. p.176-197. (Psicologia da Educação, v.2).
- Rosário, P.; Núñez, J.; González-Pienda, J. *Auto-regulação em crianças sub-10: projecto sarilhos do amarelo*. Porto: Porto Editora, 2007.
- Zimmerman, B.J. Investigating self-regulation and motivation: Historical, background, methodological developments, and future prospects. *American Educational Research Journal*, v.45, n.1, p.166-183, 2008.
- Zimmerman, B.J.; Schunk, D. (Ed.). *Handbook of self-regulation of learning and performance*. London: Routledge, 2011.